



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÉLIO SOARES ARAÚJO**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-41

**Entrevistado:** Lélío Soares Araújo

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Não informado

**Data da entrevista:** 03/10/2003

**Transcrição:** Letícia Baldasso Moraes

**Conferência Fidelidade:** Letícia Baldasso Moraes

**Copidesque:** Letícia Baldasso Moraes / Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 41/01-A e 41/01-B

**Total de gravação:** 35 minutos

**Páginas Digitadas:** 14

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02106/2010/01

**Nº da fita:** 02106/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ARAÚJO, Lélío Soares. *Lélío Araújo (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2009.

## **Sumário**

Envolvimento com a Universidade de 1963, realizada em Porto Alegre: participação junto à natação, arbitragem, treinamento de atletas, dificuldades encontradas, trâmites para realização da Universíade em Porto Alegre, pessoas importantes neste movimento, locais onde foram realizados os esportes, atletas que competiram na Universíade; comentário sobre a importância de preservar a memória do esporte.

Porto Alegre, 03 de outubro de 2003. Entrevista com o senhor Lélío Soares Araújo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte. Assunto: Universíade.

Entrevistadora – Então seu Lélío, hoje nós vamos fazer uma entrevista temática só sobre a Universíade<sup>1</sup>, até pelo aniversário do evento, a gente está coletando informações. Então eu queria que o senhor falasse um pouco sobre como começou, como foi o seu envolvimento, como é que o senhor viu esse evento, que fosse nos contando um pouco da sua experiência.

L.A. – A Universíade de 1963 eu participei como árbitro geral da nataçãõ. Eu fui convidado pelo Luiz Augusto Bastian de Carvalho para arbitrar a competiçãõ. Porque eu era na época... Aquela época era CBD<sup>2</sup> ainda, depois que passou a Confederaçãõ Brasileira de Nataçãõ, hoje mudou de nome também. Como eu já tinha bastante experiênciã na CBD na época, eu arbitrei vários campeonatos brasileiros: um em Porto Alegre<sup>3</sup>, o primeiro deles em Porto Alegre, que a Federaçãõ de Nataçãõ recém fundada tinha dirigido aqui em 1957. E como eu era muito amigo do Luiz - eu fui treinador de nataçãõ do Luiz -, exorbitando um pouco das minhas funções como engenheiro civil, mas, ligado ao esporte, eu terminei virando treinador de nataçãõ nas horas vagas. E eu treinava o Luiz naquela época. Eu já tinha treinado o Luiz Carvalho junto com uma equipe do Gaúcho<sup>4</sup> e depois, em 1962, eu voltei para o União<sup>5</sup> - que era meu clube de origem - para treinar o Mauri Fonseca. O Mauri estava se preparando para Tóquio<sup>6</sup>, tinha índice para ir a Tóquio, a Olimpíada de Tóquio e... Mas o Gaúcho tinha deixado a nataçãõ e eu levei o Mauri para o União, fiquei treinando no União o Mauri e mais uma equipe de nataçãõ do União grande. A Lísia Barth o Odir Lenzo<sup>7</sup>... Como eu era técnico amador, não ganhava nada. Só estava colaborando com o Delmar dos Reis<sup>8</sup> que era técnico oficial do União naquela época, que era professor de educaçãõ física e... Eu estava falando... Eu escolhi os nadadores para

---

<sup>1</sup> Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

<sup>2</sup> Confederaçãõ Brasileira de Desportos

<sup>3</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>4</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>5</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>6</sup> Capital do Japão

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmaçãõ

treinar lá no União, escolhi bem a equipe “A” do União, aqueles que me interessavam treinar. Porque não adiantava pegar nadador, eu estava pegando só, vamos dizer, a turma “A” do União. Como eu tinha um pouco de experiência eu escolhi aquela turma. O próprio Delmar concordou comigo. No inverno, o Delmar dava só ginástica para o pessoal e quase não usava a piscina térmica do União que era uma piscina complicada de treinamento, era uma piscina até... Ruim. Como aquela umidade da piscina, porque tinha o problema do condicionamento de ar dentro da piscina do União. Havia um erro de projeto, aliás, parece que aquele erro foi sanado um pouco, mas existe até hoje um defeito técnico da construção da piscina térmica do União e o Delmar não queria ficar lá embaixo treinando naquela insalubridade da piscina porque era terrível, umidade. E eu fui fazer isso porque eu chegava no União as sete horas da manhã antes que... Naquela época, eu estava dirigindo uma obra na Refinaria Alberto Pasqualini<sup>9</sup> em Canoas<sup>10</sup>. Então, antes de ir para Canoas, eu passava lá no União e deixava o treinamento para eles com um cronômetro pendurado lá na borda da piscina. De tarde, quando eu voltava, eu passava lá para checar o treino e dar uma afinada. Isso toda a semana. No sábado, a gente fazia umas brincadeiras, que era fazer o que quase nenhum professor de natação gosta de fazer. Treinar saída, volta e revezamento. Um treinador que goste disso aí... Era o que eu gostava de fazer. Porque eu achava que isso tira o atleta da rotina. Aquele negócio de cair na piscina, nadar para cá, nadar para lá, por experiência própria de quando eu nadava e competia, eu tenho um troço terrível. Então eu fazia nos sábado um alternativo. Era brincadeira. A gente treinava a saída, a passagem de revezamento, a volta, que isso faz parte da prova. Até hoje mundialmente a gente sabe que natação hoje, revezamento principalmente, porque são as provas que contam em dobro, a gente ganha é na passagem do revezamento. Esse final de semana lá em Santos<sup>11</sup> [palavra inaudível] se viu que o Pablo Pinheiros, lá de São Paulo<sup>12</sup>, ganhou *todos* os revezamentos. Porque, certamente, o Pinheiros<sup>13</sup> treina a passagem, porque eu conheço o treinador dele. É um dos caras que cuida muito disso aí: passagem e revezamento. É uma parte da prova importantíssima, que é a parte de revezamento. Nós, aqui no Brasil, ainda não temos ainda esse sistema de controle eletrônico. Na Europa é obrigatório. Quando um nadador escapa no revezamento, acende a luzinha, brilha no painel

---

<sup>8</sup> Irmão de Jayme Werner dos Reis “peixinho”

<sup>9</sup> Inaugurada em 16 de setembro de 1968 em Canoas.

<sup>10</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>11</sup> Cidade do Estado de São Paulo

<sup>12</sup> Estado Brasileiro

ali e não tem nem discussão. Não há o olho do juiz que na época era discutido “o juiz viu, o juiz não viu”. Aquela coisa toda. Mas hoje não tem mais isso. Hoje você tem uma placa eletrônica no ponto de partida e ele é acoplado na placa de toque de tempo na beira da piscina. Então se o circuito abre é porque ali escapou antes. Já no próprio painel do placar na prova, já acende a luz vermelha e ninguém discute. Já não se discute mais.

Entrevistadora – Dentro desses atletas que o senhor treinava, algum participou da Universíade?

L.A. – O Joaquim Souza Gomes<sup>14</sup> e a Lísia Barth. A Lísia tirou até segundo lugar no nado de peito e o Souza Gomes participou do revezamento do Brasil. E a Deise Gavioli que nadava também no União, mas a Deise não era treinada por mim.

Entrevistadora – Qual o evento, o que o senhor lembra, como foi arbitrar o evento?

L.A. – Era meio complicado porque nós modificamos a piscina do União toda. O que era a saída do União ficou a barra de volta do outro lado porque a norma, naquela época de 1942, que se inaugurou a piscina do União, nós estávamos usando a saída na cabeceira, do lado da rua vinte e quatro de outubro<sup>15</sup> onde tinha um vestiário naquela época. Então nós não tínhamos espaço para colocar os juízes naquela cabeceira. Que iam precisar de três cronometristas por raia. Naquela época eram dez raias, então precisava de trinta cronometristas. E, na outra cabeceira, para juiz de volta precisava de dois por raia. Então, quer dizer, eram mais vinte. Precisava de cinquenta juízes. Não foi fácil de achar e nós resolvemos... E colocá-los na cabeceira da piscina. Não tinha como. Então nós resolvemos fazer uma passarela por cima, de baixo da torre de saltos e ali nós colocamos os trinta ali em cima. É fácil, porque daí fica todo mundo ali em cima, marcado por raia direitinho. Fizemos assim. Demos preferência para os cronometristas da federação que eram mais experimentados e essa coisa toda. Preenchemos as vagas com o pessoal da educação física, alunos aqui da ESEF<sup>16</sup>, do Peixinho<sup>17</sup>. O Cassel<sup>18</sup> foi até um deles. Era da raia 3 ou 4, uma

---

<sup>13</sup> Esporte Clube Pinheiros

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>15</sup> Rua de Porto Alegre

<sup>16</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>17</sup> Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho”

coisa assim. Então nós colocamos todos os trinta ali em cima, em ordem unida, sentados para poder olhar de cima a borda e poder bater o cronômetro. E, na outra cabeceira, nós botamos os alunos da ESEF - que eu e o Peixinho fomos para lá para a piscina do União duas tardes para dar uma orientação para eles como era a volta, aquela coisa toda, para eles terem uma noção. Eu acho que eram alunos do terceiro ano da Escola que, naquela época, não era por semestre, era tempo de ano ainda. Então peixinho e eu nos encarregamos de fazer o treinamento com eles. E foi feito assim. Então de um lado nos colocamos os juízes de chegada, sempre naquela época se fazia: eram três para o primeiro lugar, dois para o segundo, três para o terceiro, dois para o quarto e assim por diante, até chegar... A gente somava as papeletas e sempre dava número ímpar para poder decidir, então a decisão ficava para o árbitro. E felizmente deu tudo certo. Não houve problema nenhum, não houve *nada*, nenhuma reclamação. Somente em uma prova de mil e quinhentos metros entre um nadador da Rússia e um nadador do Japão, eles nadaram mil e quinhentos metros juntos e chegaram juntos. Eu nunca tinha visto isso. Eu já tinha, naquela época, mais de dez anos de experiência de arbitragem em competição e eu nunca tinha visto aquilo. Eles nadaram os mil e quinhentos metros, volta a volta, juntos. E a chegada... Chegaram juntos.

Entrevistadora – E como foi resolvido?

L.A. – Veio a papeleta dos juízes de chegada e deu empate. Mas não dá para empatar, tinha que desempatar a prova. Eu falei: “Faz o seguinte, me dá as papeletas da cronometragem”. Ai veio lá de cima a papelada da cronometragem e eu me sentei na mesa com o Edu [palavra inaudível] que era meu assistente e começamos a somar os tempos. Se somou os três tempos do primeiro numa raia, os dois tempos da outra raia, mais os três da outra para decidir quem tirava pelo terceiro. Ai o nadador japonês tinha um décimo, naquela época, era tempo cronômetro manual e era por décimos ainda. De quinto até. Era tudo de quinto. Mas tinham alguns que já eram de décimo. Ai ele tinha um décimo a menos que o outro nadador. Ai se classificou até o cara... O da Rússia ficou meio assim dentro da água na hora de receber e tal, mas no fim foi lá e... Quando terminou a competição quem veio da FINA<sup>19</sup> - a FINA quando havia as Universíades, que até hoje existe isso, a FINA nomeia

---

<sup>18</sup> Mário César Cassel

<sup>19</sup> Federação Internacional de Natação

um observador para as provas de natação. Porque a FINA é só para a natação - E o meu observador era o Baco<sup>20</sup> da Hungria. Até no dia que ele chegou em Porto Alegre, eu sai de casa com ele, fui lá no União, mostrei a piscina para ele, como é que a gente ia fazer a competição, uma coisa meio complicada. Era húngaro e falava alemão com um pouco de inglês e eu só falava inglês [risos]. Mas o Peixinho foi comigo. E o Peixinho falava alemão, fala alemão até hoje o Peixinho. Então eu consegui me entender com o Baco. Até depois de toda a conversa lá na piscina do União, eu disse: “ Olha aqui... Você vai arbitrar a competição”. E ele disse: “Negativo. Eu vou para a arquibancada. Eu vou me sentar na arquibancada e vou assistir à competição. Quando terminar a competição a gente vai conversar”. E realmente, dia *nenhum* da competição eu vi o Baco. Não enxergava ele na piscina. Ele estava lá sentado em um canto, olhando, anotando. E, quando terminou a competição, nós fomos lá para a Vila Olímpica ali no Partenon<sup>21</sup>, fizemos uma reunião de trabalho para finalizar. Expus tudo para ele, peguei as cópias dos boletins de prova, mostrei tudo para ele, entreguei até uma cópia porque eu tinha tirado em cinco vias. Entreguei tudo para ele e perguntei se ele estava satisfeito, se tinha alguma observação a fazer para a parte da direção da competição e ele disse: “Não tenho. Não tenho absolutamente nenhuma. A única dúvida que eu fiquei naquela chegada dos mil e quinhentos” [risos]. E eu falei: “Olha, nós fizemos assim, assim, assim...”. E a resposta que ele me deu: “Eu teria feito a mesma coisa”. [risos] Eu e o Peixinho saímos safos.

Entrevistadora – E esse Baco ele era da...

L.A. – Hungria.

Entrevistadora – Da Hungria? E ele era dirigente da Universidade?

L.A. – Não, ele era o observador da FINA (Federação Internacional de Natação) que veio para Porto Alegre como observador da FINA. O “espião”. Ele atuou como espião. Até porque eu e o Peixinho ficamos satisfeitos porque não havia problemas. Realmente não houve. A competição foi um transcurso tranquilo, sem problema nenhum, não houve reclamação de ninguém. A única prova foi essa dos mil e quinhentos metros que... O resto

---

<sup>20</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>21</sup> Bairro de Porto Alegre

nos cem metros ganhou o alemão Klein<sup>22</sup> que eu já tinha visto até nadar em Paris<sup>23</sup>, o Klein. Então não houve problema nenhum, foi tudo direitinho. Os nadadores se comportaram bem, as premiações... O problema só da natação é que terminou a primeira prova, nós estamos premiando logo em seguida, nos intervalos. E não tinha medalha na época.

Entrevistadora – Não tinha medalha?

L.A. – Algum problema com as medalhas. O [palavra inaudível] fala isso. A firma que fez as medalhas l  em São Paulo, ou no Rio de Janeiro<sup>24</sup>. O cara veio para Porto Alegre com uma caixa de medalhas e queria dinheiro [riso]. O negócio naquela época era curto. Até que, quando começou a nata o - que foi a primeira, que depois foi o atletismo - o pessoal conseguiu uma grana, foi lá e entregou para ele e o Carvalho, Luís, chegou lá na piscina correndo com uma caixa com as medalhas [riso] bem na hora de premiar a primeira prova. Mas foi tudo bem. Não houve problema nenhum.

Entrevistadora – Inclusive houve aquele problema dos aros olímpicos nas medalhas...

L.A. – Isso  ... E um probleminha que houve l  foi com uma menina da Inglaterra, uma senhora, que era repórter de um jornal inglês. Primeiro dia de competi o eu estava ali na beira da piscina, caminhando ali no União na beira da piscina, estava o Edu [palavra inaudível]<sup>25</sup>, o Bruno Hermann<sup>26</sup>, que era o juiz de partida e nós tínhamos por tr s o pessoal da Longines<sup>27</sup> que estava manobrando, porque a cronometragem era toda feita por p ra, não era com cronômetro. Era por p ra. Cada juiz l  de cima, dos trinta, cada um tinha uma p ra na mão. E eles apertavam a p ra e l  na cabine da Longines, era uma mesa que eles tinham com todos os cronômetros... Aquele ali é o embrião do eletrônico hoje. Foi uma das primeiras vezes que se usou aquele sistema de cronometragem. Hoje não tem mais, hoje é tudo são no toque. Naquela época, ainda tinha uma perinha para apertar. E eles pegavam... Eles tinham uma mesa, tipo uma mesa, com todos os cronômetros, os trinta

---

<sup>22</sup> Nome sujeito a confirma o

<sup>23</sup> Capital da França

<sup>24</sup> Estado Brasileiro

<sup>25</sup> Nome sujeito a confirma o

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirma o

cronômetros rodando ali. Porque na partida o cronômetro disparava e na chegada o juiz apertava. E eu vi que tinha uma senhora ali atrás deles, devia ter uns trinta anos por aí, olhando em cima do rapaz da Longines que estava ali. Eu pensei: “Que negócio é esse?”. Não é do nosso grupo, não cabia àquela pessoa ali em cima. Fui lá e perguntei para o Edu: “Edu, conhece aquela senhora lá?”. E ele: “Não sei quem é!”. “Ela não pode estar ali. Ali é privativo da direção da competição. Ela não pode estar ali”. Aí eu fui e, no intervalo de provas, eu subi as escadas e fui ali em cima e perguntei em português para ela, ela não me entendeu. Falei em inglês com ela e ela me falou: “Sou repórter de um jornal da Inglaterra e estou fiscalizando o trabalho de vocês”. Eu falei: “A senhora não vai fiscalizar coisa nenhuma. A senhora não pode ficar aqui”. “Não, mas eu vou ficar aqui porque eu vou fiscalizar o trabalho de vocês”. “A senhora não vai ficar mesmo. A senhora não pode. Aqui é privativo da direção da competição e a senhora não pode ficar aqui”. “Não, mas eu vou ficar aqui”. “A senhora vai sair daí”. Eu não vou bater boca. Eu chamei um brigadiano e falei: “Por favor, o senhor pega aquela senhora que está ali em cima e tira ela dali. Ela não pode ficar ali”. O Cara foi lá, um soldado muito gentil e [risos] ele agarrou e levou ela para fora. E, uns anos depois, especificamente quatro anos depois, quando foi em Tóquio, na olimpíada de Tóquio, no ano seguinte, em 1964, o Alberto [palavra inaudível]<sup>28</sup> do Uruguai, que estava nos auxiliando na narração, era meu colega, ele era engenheiro civil lá no Uruguai e era da FINA. Ele representava o Uruguai na FINA. E o [palavra inaudível] estava anunciando em inglês. Porque o Peixinho estava anunciando em alemão, tinha um anunciando em português e já era um requinte. O [palavra inaudível] anunciava em inglês e francês. E um ano depois de Tóquio eu recebi um cartão do [palavra inaudível] de Montevideo<sup>29</sup> dizendo: “Olha aquela inglesinha que tu brigou com ela lá, aquele dia lá, estava feliz da vida lá em Tóquio. Acho até que ela arranjou um homem por lá [risos]. Acho que ela estava mal-amada naquela vez lá em Porto Alegre”. Porque depois eu fui a Montevideo, estive com ele lá, almoçamos um dia em Montevideo, me emprestou o carro dele e tudo. E disse: “Eu acho que ela arranjou um homem por lá porque ela estava *muito* feliz da vida lá em Tóquio”. [riso] Que fosse. Mas fora isso... Isso são coisas normais da competição. Mas foi tudo muito bem. A competição estava com quinze recordes, isso era inédito.

---

<sup>27</sup> Empresa de relógios

<sup>28</sup> Nome sujeito a confirmação

Entrevistadora – O uniforme no caso da delegação brasileira... Quem foi que pagou, como é que funcionava essa parte?

L.A. – Olha vou te explicar... Nem sei! A CBDU<sup>30</sup> trouxe do Rio de Janeiro tudo isso pronto e entregou para a delegação brasileira todo o fardamento. Estavam todos com o CBDU certinhos, com todo o fardamento... O Silvio Keller<sup>31</sup> que foi nadador, professor de natação, jogador de pólo aquático na seleção brasileira, ele era o presidente da CBDU naquela época. Até hoje eu ainda tenho um relacionamento com ele. Ele é advogado, mora no Rio de Janeiro. Até hoje eu converso com ele, só pelo telefone.

Entrevistadora – O senhor tem mais alguma coisa para nos colocar sobre a Universiade, sobre o que julgue relevante?

L.A. – Eu acho o seguinte: era uma competição que duvidavam que se fosse fazer em Porto Alegre. Havia um descrédito. Quando se começou a falar em Universiade em Porto Alegre, houve um descrédito. O pessoal falava: “Vão fazer isso daqui em Porto Alegre?”. E São Paulo tinha feito o Pan Americano em Abril. Eu até tinha estado no Pan Americano, pois eu ajudei a delegação de natação do Brasil no Pan Americano. E São Paulo estava com tudo pronto, aliás, Nebiolo<sup>32</sup>, presidente da FISU<sup>33</sup> naquela época, tentou levar a competição para São Paulo. Até uns dois meses antes da Universiade aqui, houve uma reunião lá no Correio do Povo<sup>34</sup>, lá no terceiro andar, lá em cima do Correio do Povo, com todo o alto comando da turma da Universiade aqui, com o Nebiolo e, pelo que eu sei, até ele foi ameaçado lá dentro. Ele ameaçou de apanhar.

Entrevistadora – O Nebiolo... Qual era o cargo dele?

L.A. – Presidente da FISU. Ele até faleceu ano passado. Ele foi presidente da FISU até morrer. Não se sabe como [riso], mas é um cara que conseguiu ser presidente da FISU que é uma federação universitária e ele não era universitário há séculos. Quando ele veio a

---

<sup>29</sup> Capital do Uruguai

<sup>30</sup> Confederação Brasileira do Desporto Universitário

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>32</sup> Dr. Primo Nebiolo

<sup>33</sup> Federação Internacional do Desporto Universitário

Porto Alegre, já não era universitário. E o Nebiolo com o pessoal de São Paulo e acho que o pessoal de São Paulo já tinha levado uma conversa com ele e ele chegou aqui já mais ou menos com a idéia de levar para São Paulo. Porque já estava tudo pronto em São Paulo. Tinham feito o Pan Americano em São Paulo alguns meses antes. Então tinha tudo lá pronto. Mas daí eu acho que o Loran<sup>35</sup> mais o Ferrugem<sup>36</sup>, a turma levou ele lá para o Correio do Povo, para o terceiro andar, se trancaram numa sala lá e fizeram ver que ele não ia sair vivo lá de dentro [risos]. No fim, ele veio para cá e foi tudo bem, elogiou até, gostou da coisa. Mas é a pressão. Primeiro tinha que sair em Belo Horizonte<sup>37</sup>, depois a turma daqui, o Ferrugem, consegui passar para Porto Alegre, depois o pessoal de São Paulo, com o Padilha<sup>38</sup> que era do Comitê Olímpico Brasileiro, era do Comitê Olímpico Internacional também. Eles tentaram forçar uma barra para levar para São Paulo. Mas nós conseguimos vencer a briga com eles. Daí foi tudo bem, se fez lá no Banco do Brasil várias reuniões para pedir coordenação, porque nossa sede era no Banco do Brasil. Não existe mais, era na rua Uruguai com a Sete de Setembro<sup>39</sup>, ali onde tem aquele edifício hoje, que, aliás, é do Banco do Brasil ainda, de frente ao Meridional. O Banco do Brasil tinha terminado a sede nova ali do lado da prefeitura e o edifício estava vazio. Então o pessoal daqui conseguiu que o Banco do Brasil nos entregasse aquilo para o comitê. Era grande demais, cada departamento tinha uma baia lá dentro para a gente poder se reunir, trabalhar lá dentro, aquela coisa toda. Ali era a coordenação. E foi muito bem, porque se conseguiu botar para frente gente para trabalhar, gente desinteressada, os caras queriam ajudar. Pega aquele boletim lá da Universidade e a gente vê a quantidade de gente que colaborou, que trabalhou. Até ontem na assembléia o deputado falou o nome de todo o pessoal que colaborou. E fora os voluntários que eram os juízes. Aliás, todos nós éramos voluntários, mas esses não estavam na parte de direção da Universidade. Depois cada esporte foi encarregado de arrumar seus voluntários, seus juízes, essa coisa que era pior de arranjar que eram os juízes. Só na nataçãõ eram cinquenta. Quando terminou a nataçãõ, foram todos para o atletismo. Que a cronometragem da nataçãõ era a mesma que foi para o atletismo, lá no Grêmio<sup>40</sup>, atletismo foi lá no Grêmio. A maioria do pessoal da educaçãõ física da Escola

---

<sup>34</sup> Jornal de Porto Alegre

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>36</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>37</sup> Capital do Estado de Minas Gerais

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>39</sup> Ruas do Centro de Porto Alegre

<sup>40</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

foi tudo para o atletismo, mas atletismo não precisa de tanto juiz. Tem muitos esportes. A parte do atletismo é dividida nos arremessos, provas de campo... Então eles próprios dividiram. O Alexandre Deyves<sup>41</sup> que, naquela época, era o diretor de atletismo da Universidade que se encarregou de dividir. Não sei se vocês conheceram o Alexandre Deyves. Ele foi treinador de atletismo do Grêmio inclusive. Mas veio para Porto Alegre, viveu aqui, morreu até em Porto Alegre. Mas eles dividiram a turma toda.

Entrevistadora – Então o senhor vê a organização da Universidade como um mutirão das pessoas envolvidas no esporte?

L.A. – E *que* mutirão. Chegamos a um ponto... Bom, vamos fazer... Vou levar no União e na SOGIPA<sup>42</sup> o atletismo, preparar o estádio do Grêmio. A gente vai ter que retificar uma curva que o Grêmio tinha um pouco mais de 400 m. Teve-se que encurtar uma ponta da pista lá. Natação no União, saltos ornamentais no União, Voleibol no União, basquete no ginásio que estavam terminando, pólo aquático não tinham onde fazer. Não tinham piscina porque era junto com a natação, iam fazer aonde? A piscina do União não tinha condições de fazer o pólo aquático. Iam fazer no Petrópole<sup>43</sup>, a piscina do Petrópole tinha 33 m, pólo aquático precisa de 30m. Fomos no Petrópole, medimos a piscina e falamos: “Vamos fazer aqui...”. Deu direitinho porque a piscina tinha 33 m, encurtamos as goleiras e marcamos os 30m do pólo aquático. Depois esgrima não tinha onde fazer. Daí tinha um armazém D4 lá no porto. Resolvemos fazer no D4. Mas não tinha nada no D4. Era um armazém do porto, um armazém de carga, aqueles das docas lá. O A, B depois o C, aqueles que tem aquelas docas, vamos dizer, normais ao rio e os D são os armazéns paralelos ao rio Guaíba. E o João Rosa<sup>44</sup>, que era o diretor de esgrima, mais aquela turma dele, se resolveu: “Vamos fazer lá”. E foi uma correria porque... Inclusive o acesso lá era um barral do diabo para chegar no tal de D4. Mas, no fim, veio as [palavra inaudível] da França, veio material da França. E veio tudo direitinho e trabalharam feito uns doidos lá e conseguiram. Dois dias antes estava tudo pronto. As [palavra inaudível] deram tudo certo.

---

<sup>41</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>42</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>43</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

<sup>44</sup> Nome sujeito a confirmação

Entrevistadora – Seu Lélío, e esses espaços são a nível privado? O Grêmio, o União... Tudo isso foi cedido?

L.A. – Sim. Tudo isso foi cedido.

Entrevistadora – Com reformas e tudo?

L.A. – Sim. O Grêmio até tentou levar uma vantagem, mas no fim não levaram nada. O União tentou ficar com alguma coisa do equipamento de ginástica. Uma parte ficou no União. Foi a única coisa que o União pediu: para deixar lá uma parte do equipamento que era tudo importado. A prancha do trampolim, que veio dos Estados Unidos, veio duas pranchas, o União usou muito tempo depois, hoje elas estão em Novo Hamburgo<sup>45</sup>. Mas ninguém pediu nada, nada disso. O próprio União que sediou três esportes, não, quatro esportes. O União sediou a natação, os saltos, a ginástica e o voleibol. Foi tudo no União. O voleibol até estava com um problema: nos três, quatro primeiros dias do voleibol, a ginástica não tinha terminado ainda e se fez na SOGIPA então. Única coisa que se fez na SOGIPA foi o princípio do voleibol. Depois foi tudo para o União. Ai tinha a Diná<sup>46</sup>, a Diva<sup>47</sup>, a [palavra inaudível]... A [palavra inaudível] nem mora no Brasil mais. A [palavra inaudível] mora na Dinamarca, ela casou com um dinamarquês. É filha do Serviro Rodrigues<sup>48</sup>. Tu não conhece o Serviro? Professor daqui, Serviro é da casa. Hoje mora em Capão da Canoa<sup>49</sup>. Foi treinador de futebol do Renner<sup>50</sup>. É o pai do Ícaro<sup>51</sup>.

Entrevistadora – Ah, eu não conheço...

L.A. – Não?

Entrevistadora – Não... [riso].

---

<sup>45</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>46</sup> Diná Pettenuzzo Santiago

<sup>47</sup> Diva Santiago Corrêa

<sup>48</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>49</sup> Cidade Litorânea do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>50</sup> Grêmio Esportivo Renner, fundado no dia 27 de julho de 1931

<sup>51</sup> Nome sujeito a confirmação

L.A. – É que ele fez educação física também.

Entrevistadora – E eu não sou da educação física...

L.A. – Pois é... tu não é! Eu também não era. [risos]. Eu estava de intruso ali. Tu também é intrusa então.

Entrevistadora – É, eu sou da história [riso].

L.A. – Pois é. Mas deu tudo certo. Foi um desafio. Eu acho que... Eu ainda estava dizendo ontem lá na assembléia, aquilo ali era um bando de maluco. Fazer aquilo. Um atrevimento daquele grupo de fazer aquilo. Mas... O Ferrugem era meio doidão, o Loran também. O próprio Darci<sup>52</sup> que é o único sobrevivente deles... Até ficou chateado porque ele preparou um discurso para a assembléia e na assembléia não fala [risos]. Só fala deputado [risos]. E ele preparou, levou uma pastinha lá. Daí depois mexi com ele. Ai ele falou: “Quando eu voltar para Gramado<sup>53</sup>, vou ler sozinho em casa!” [risos]. Mas foi muito bom. Essas reuniões que se fez na câmara de vereadores, de recompor, tentar memorizar essas coisas, foi muito bom. Muito bom. Se encontrar com aquela turma que trabalhou, sobreviventes claro, porque a maioria já se foi. Um dia nós inauguramos uma pracinha aqui na perimetral com o nome do Ferrugem...

Entrevistadora – Ferrugem, ele é gaúcho?

L.A. – Ferrugem é dentista, aqui de Porto Alegre. Então, até outro dia, eu estava dizendo para o vereador... Porque na perimetral ele botou uma plaquinha lá. É ali na perimetral, passa o Hospital de Clínicas em direção ao bairro e tem um recuo na perimetral, passando o Clínicas, na outra esquina. Então ali fizeram um recuo que se fez uma pracinha. Bem bonitinha até. E eles botaram o nome do Ferrugem. Henrique Alcara. Eu falei: “Vereador, tem que botar Ferrugem embaixo porque ninguém sabe quem é o Henrique Alcara”. Ninguém sabe quem é. Ele até disse que ia mandar botar. Até para não roubarem a placa eles fizeram a placa de cemitério, placa de granito. Com bronze roubam tudo.

---

<sup>52</sup> Darcy Dotto

<sup>53</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

## [FINAL DA FITA 41/01-A]

L.A. – O clube inaugurou uma placa ali no parque Marinha<sup>54</sup>, no estacionamento, junto à pista de atletismo ali e inauguramos em dezembro. Ela durou três meses. As placas de bronze grande, são duas porque o monumento que tem lá no parque é pista dupla, uma placa de cada lado, 70x50 cm de bronze, sumiu. Essa semana eu mandei fazer uma de aço escovado e vou ver se aço não roubam porque aço não é comercial. O negócio é bronze.

Entrevistadora – É. É bronze. Então tá, seu Lélío. O que o senhor gostaria de encerrar, o que o senhor gostaria de nos falar mais sobre a Universíade?

L.A. – O que dizer? Eu queria agradecer a vocês a idéia de guardar esta memória porque amanhã ou depois a gente não está mais aqui. A gente está numa idade que já está devendo [riso]. Eu estou no saldo devedor. Nossa turma da Universíade, a maioria do pessoal já tem mais de setenta anos. O Carvalho, Darci, toda aquela turma, nossa turma. Então para ficar alguma coisa porque amanhã ou depois a gente vai embora e não fica nada. “Universíade?”. Ninguém vai saber o que foi, o que era a Universíade. Então isso é muito importante, ficar para a nossa memória do esporte, ficar para os nossos filhos, nossos netos, os bisnetos. Saberem que houve alguma coisa em Porto Alegre. Que tinha um bando de maluco aqui que resolveram fazer uma competição desse vulto mundial em Porto Alegre. Que quase ninguém acredita. Uma coisa inédita que acho que não vai sair outra. Tão cedo no Brasil, não sai outra.

Entrevistadora – E nós queríamos agradecer seu Lélío, sua contribuição que é demais importante. Que nossa intenção é realmente guardar essas memórias que tem que ter um lugar para isso e um lugar que as pessoas possam disponibilizar isso na pesquisa. E a gente como uma universidade publica tem esse objetivo...

L.A. – Eu acho isso muito importante.

Entrevistadora – Nós queríamos agradecer o senhor e a sua contribuição.

L.A. – Eu acho muito importante isso. Porque eu acho que o CEME<sup>55</sup> é uma coisa que deve ser prestigiada. Até ontem na assembléia eu disse para o Darci: “Se tu tem alguma coisa lá em Gramado, manda para gente”. E o marido da Lísia, o [palavra inaudível] disse: “To separando lá alguma coisa”. E eu disse: “Separa mesmo. Não te esquece. Separa o que tu quer da Lísia...” - esposa dele que é falecida – “...tu separa lá o que é da Lísia, guarda para ti, para teus filhos, para os teus netos, mas o que tu não vai querer, acha que eles não vão usar, manda para cá, porque isso vai ficar guardado. Amanhã ou depois ninguém vai saber que houve isso aqui. Pelo menos quando tiver o edifício do CEME...” -que é a nossa briga agora para construir o edifício do CEME – “...isso aí vai ficar tudo em exposição, para os colégios irem lá olhar, a própria Escola de Educação Física usar”. Eu acho isso daí muito importante. A gente vai em qualquer lugar do mundo e tem lá memória. O cara vai lá, tem isso, tem aquilo... E aqui não temos nada. Temos uma lei do estado criando um museu do esporte do Rio Grande do Sul até hoje.

Entrevistadora – E é só papel?

L.A. – Tem uma lei do município. Idem. Então, poxa vida, vamos pegar... Na Escola de Educação Física eu acho que é o lugar para ter tudo isso. A nossa memória do esporte. Porque tudo isso tem dentro da Escola de Educação Física. Mas depois, quando o edifício estiver pronto, expor isso em visitação e eu acho que isso é muito importante. Muito importante mesmo. Deve-se prestigiar toda a vida para ser isso daí.

Entrevistadora – O senhor valoriza o nosso trabalho e com certeza o nosso trabalho não seria nada sem a sua contribuição.

L.A. – Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>54</sup> Parque Marinha do Brasil, criado em 24 de novembro de 1967.

<sup>55</sup> Centro de Memória do Esporte